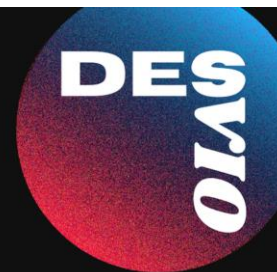


I SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS DA UFFS



MÉTODO
é DESVIO.



O COLONIALISMO PORTUGUÊS TESTEMUNHADO:

MEMÓRIA E TRAUMA

Guilherme José Schons¹

A pesquisa que apresento no âmbito do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus Erechim*, desdobramento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Graduação em História (Schons, 2024), tem lastro em uma tentativa de interpelação a três imagens. A escritora e linguista brasileira Conceição Evaristo (2020), ao tratar do horror da escravidão, recupera que a “Mãe Preta”, em todas as noites, se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar e ninar os futuros senhores e senhoras – os quais nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando sobre ela e a sua descendência. Na mesma linha, penso, desde já, na escrita da jornalista e professora portuguesa, nascida em Moçambique nos tempos do colonialismo e do fascismo, Isabela Figueiredo (2010). Apesar de nunca negar a sua oposição à dominação de Portugal sobre territórios africanos e ao Estado Novo de António Salazar e Marcello Caetano, a autora só conseguiu agir incisivamente em projeto de acerto de contas com o passado após a morte do seu pai racista – o que ela refere como uma “traição”.

Indo ao encontro das reflexões de Evaristo e Figueiredo, a teórica e artista portuguesa, com raízes em África, Grada Kilomba (2019) alude ao retrato da “Escravizada Anastácia”²,

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus Erechim*. Licenciado em História pela UFFS e Licenciando em Letras. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br.

² Pouco conhecemos sobre “Anastácia”, até porque esse nome fora dado a ela durante a escravização. Não há uma história oficial sobre sua origem e o motivo do castigo a que foi submetida – o que nos leva a pensar na violência colonial do arquivo (Hartman, 2020). Sabe-se que ela morreu de tétano em decorrência do colar de ferro preso ao seu pescoço (Kilomba, 2019). Ela se tornou símbolo da brutalidade da escravidão em um contexto de permanência do racismo na sociedade brasileira, sendo “[...] uma figura política e religiosa importante em torno do mundo africano e afrodiaspórico, representando a resistência histórica desses povos” (Kilomba, 2019, p. 36).

feito pelo pintor francês – em expedição no Brasil – Jacques Arago, no qual um pedaço de metal, colocado no interior da boca e instalado entre a língua e o maxilar com fixação por detrás da cabeça, impede a fala dessa mulher negra. A única coisa que sabemos sobre ela é o nome dado pelos senhores, isto é, o seu encontro com o poder – o que representa um esboço insuficiente de sua existência (Hartman, 2020; Foucault, 2003). Ou seja, estamos, mais uma vez, diante de um diagnóstico de silenciamento que corrobora regime assentado em dimensão narrativa da desigualdade. Entre essas questões, surge um problema: quem pode falar? (Kilomba, 2019).

Afinal, o cenário enunciado pelas três autoras remete a uma máscara (tenha ela materialidade, como no caso de Anastácia, ou não): a do silenciamento pelo colonialismo racista e patriarcal. Abarcamos, nesse caso, as dificuldades de se expressar no âmbito da aplicação de políticas sádicas de conquista e dominação e sistemas brutais de cerceamento das que foram produzidas³ como “Outras” (Kilomba, 2019). Deparo-me, por meio das colocações de Grada, com o medo de que o colonizador tenha que escutar aquilo que é “mantido em silêncio como segredo”. Há, nesse raciocínio, um investimento na negação em se reconhecer as violências da história – onde a busca pela restrição da fala dos subalternizados aparece como método para não se expor a quaisquer discursos que afrontem a lógica colonial. Logo, o “[...] falar e o silenciar emergem como um projeto análogo” (Kilomba, 2019, p. 42).

Com isso em mente, identifico um ordenamento por meio do qual as percepções tornadas públicas por Conceição Evaristo, Isabela Figueiredo e Grada Kilomba têm sido negadas e reprimidas. Os “segredos” aqui abrangem aspectos como a barbárie da ditadura civil-militar no Brasil, o fascismo do Estado Novo português sobre o mundo colonial e a constante recriação do racismo na Europa. Indo além, a verdade ocultada contempla a existência dos traumas (Caruth, 1995) das mulheres e da negritude diante desses regimes e a articulação deles a um passado mais amplo que se manifesta, nos termos de Benjamin (1985), como reminiscência no tempo presente: a colonialidade no Império Português e os seus distintos desdobramentos no que chamo, inspirado em Lélia Gonzalez (2020) de Ibero-América. Assim, sustento que, nesta investigação, pretendo trabalhar com uma ideia que já não pode mais ser negligenciada: a ferida colonial está aberta.

³ Embaso a ideia de construção social da/o Outra/o em Fanon (2008), considerando, nas circunstâncias do racismo, a negritude enquanto definição das fantasias negadas pela branquitude e projetadas nos sujeitos negros – as quais se caracterizam como retratos autoritários.

Dessa forma, preciso mencionar que este historiador almeja analisar a elaboração do trauma no Império português a partir dos trabalhos de Conceição, Isabela e Grada mediante interesse pessoal e social. Há algum tempo, me dedico ao tema da ditadura civil-militar brasileira – apesar de, nesse campo de investigações, pouco ter visto sobre a existência das mulheres negras e as práticas de desfavelamento no período – e, recentemente, imerso nos debates da descolonização me aproximei do ânimo por estudar o mundo da lusofonia em África e, especialmente, Moçambique. Contudo, como já disse, para além disso, penso ser importante um trabalho que articule as memórias, testemunhos e traumas desde o circuito ibero-amefricano, uma vez que parto do entendimento de que o passado colonial permanece como problema do presente nessas sociedades.

Em todo caso, são muitas as propostas de elaboração a contrapelo (Benjamin, 1985) das memórias da catástrofe. Me proponho à leitura, impactada pelas teorias pós-coloniais e decoloniais, de três dessas obras – as quais caracterizo, conforme Márcio Seligmann-Silva, dentro de uma virada testemunhal do saber histórico (2022). No livro *Becos da memória* (2018), veiculado originalmente em 2006, Conceição Evaristo narra a expulsão, ocorrida em 1972, de sua família (e vizinhos) da favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte/Minas Gerais. Entendo, à vista disso, o “desfavelamento” como acontecimento que destaca a 1) repressão perpetrada pela ditadura civil-militar no Brasil, assim como ao cumprimento forçoso de um discurso de progresso – o qual Benjamin (1985) já nos ensinou ser uma tempestade – e a 2) atualização das dores coloniais em um cenário de racismo e gentrificação social.

Isabela Figueiredo, no seu *Caderno de memórias coloniais* (2010), de 2009, escreve a respeito da vida como portuguesa branca nascida na capital de Moçambique, Lourenço Marques (hoje Maputo), dentro do esquema da exploração colonial. Na obra, nos deparamos com o objetivo de problematizar o passado familiar (o racismo do seu pai, especialmente) como mecanismo para quebrar a negação que idealiza a máscara do silenciamento. Se, quando do avanço das lutas por libertação em meio à vitória da Revolução dos Cravos na metrópole, a autora é encaminhada a Lisboa (para se proteger) e recebe a missão do pai de denunciar as dificuldades que ele supostamente sofria, temos de analisar uma feliz inconfidência: Isabela trai o colonialismo expondo o ambiente violento em que cresceu, com ênfase à representação da

ditadura salazarista/marcelista⁴ como continuidade do domínio já imposto às colônias há muito tempo e que não se dissolve das racionalidades e das subjetividades em 1974⁵.

Na mesma linha, Grada Kilomba (2019), em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (publicado pela primeira vez em 2008), reverbera a reencenação da ferida colonial, em sua vida na Europa, para denunciar uma história coletiva de opressão racial, insultos, humilhação e dor. Nesse sentido, tal tópico de inquirição está vinculado a temas recentes nas Ciências Humanas e nos estudos da produção de discursos e linguagens, que buscam problematizar as catástrofes (Seligmann-Silva, 2018) e as violências da história em chave pós-colonial e interdisciplinar: isto é, no caso deste trabalho, com atenção à existência de uma série de dinâmicas de resistência (Foucault, 1976) produzidas no território de América (Gonzalez, 2020). Indo além, me refiro à chance de reflexão em torno de uma contra-história ibero-amefricana.

Com isso em mente, infiro que venho tratando de dinâmicas que unem um triângulo cujos vértices marcam as cidades desde as quais as minhas colaboradoras elaboram o trauma: Belo Horizonte, Lourenço Marques/Maputo e Lisboa. Nesse exercício, o trabalho de Lélia Gonzalez (2020) foi decisivo ao propor um olhar possível diante das relações entre as duas margens do Atlântico, bem como estudar a amefricanidade como categoria político-cultural que viabiliza a apreensão dos entrelaçamentos de América e África e dos sujeitos que resistem em ambos os territórios, sem perder a atenção para a colonizadora Europa e os trânsitos até ela (como foi o caso dos retornados).

Além disso, destaco que compreendi as escrevivências como instrumentos para a denúncia e o anúncio e, portanto, de apreensão da ideia de que a história, ao invés de ser tão somente linear, é também feita de disputas, rupturas e possibilidades de mudança. Dessa forma, se eu iniciei este texto me propondo a interpelar imagens associadas a um passado sobrevivente de censura a vozes que pudessem contestar a empresa colonial, depreendo que esse exercício de produção de narrativas, nas palavras de Hartman (2020), insurgentes e perturbadoras já fora iniciado pelas minhas próprias colaboradoras e por muitas/os mais. Ainda que, de fato, o processo de elaboração do trauma envolva um hiato entre a consumação do evento e a fabricação do discurso em torno e contra ele (Feltrin, 2021), as escritas testemunhais dão conta

⁴ Me refiro aqui aos governos dos ditadores António de Oliveira Salazar (1932-1968) e Marcello José das Neves Alves Caetano (1968-1974).

⁵ Ou seja, com a abertura democrática em Portugal via Revolução dos Cravos.

de formar um arquivo crítico ao jogo de poder que ambicionou a continuidade das cantigas de ninar proferidas pelas mulheres negras e a manutenção do assujeitamento e da cumplicidade das mulheres brancas diante do patriarcado colonial racista. Ou seja, as mulheres que me acompanham neste percurso investigativo fabulam criticamente (Hartman, 2020) – produzindo, no presente, fontes históricas por meio da traição às expectativas sociais em torno de oprimidos e beneficiados com a barbárie, qual seja, a opção pelo esquecimento.

Palavras chave: colonialidade; Ibero-América; literatura; testemunho; trauma.

Referências

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CARUTH, Cathy. **Trauma**: explorations in memory. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escritura: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELTRIN, Fábio. Inscrever a violência a contrapelo: genocídio e trauma na história latino-americana. In: LOSS, Adriana; LORO, Alexandre (org.). **Estudos interdisciplinares**: debates e reflexões. Curitiba: CRV, 2021.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 4. ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: estratégia, poder-saber, volume IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité**: la volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 02 jul. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SCHONS, Guilherme José. **Memórias de duas ditaduras ibero-amefricanas**: Brasil, Moçambique e Portugal nas escrituras pós-coloniais de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo. 2024. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de História, *Campus* Erechim, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2024. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/7751>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.